

ENTRE A UNIVERSALIDADE DA TEORIA E A SINGULARIDADE DOS FENÔMENOS: ENFRENTANDO O DESAFIO DE CONHECER A REALIDADE

Divanir Eulália Naréssi Munhoz¹

RESUMO: Este artigo analisa o Método do Abstrato ao Concreto, herança de Marx para a humanidade, como recurso de grandes potencialidades para pesquisa de fenômenos humano-sociais e não necessariamente vinculado à proposta de transformação de sociedade apresentada por esse economista e filósofo alemão do século 19. Procura esclarecer o leitor não familiarizado com a contribuição desse pensador, que a orientação metodológica que ele oferece à ciência subsiste através dos tempos, adotada por estudiosos de renome, como recurso dos mais fecundos para investigação da realidade e conseqüente construção do conhecimento sobre ela. O texto apresenta também discussão sobre as categorias da universalidade, particularidade e singularidade e a mediação entre elas no processo de caminhar da aparência à essência dos fenômenos, proposta central do referido método.

PALAVRAS-CHAVE: método do abstrato ao concreto; universalidade, particularidade, singularidade; mediação; aparência e essência.

Introdução

Tendo em vista que abordar o Método Dialético - do Abstrato ao Concreto – necessariamente remete a Marx, seu propositos, é preciso registrar inicialmente um alerta para aqueles que analisam a (in)eficácia

¹ Doutora em Serviço Social, pela PUC-SP. Professora do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas e do Departamento de Serviço Social - Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. Coordenadora da Pesquisa "Análise Crítica da Lógica de Pensamento Explícita e/ou Subjacente em Pesquisas de Fenômenos Humano-Sociais", parte de estudos sobre Epistemologia e Método nas Ciências Sociais.

dos estudos de Marx apenas pelos resultados de propostas de sociedade que não corresponderam à eficácia prevista.

A esse respeito vale lembrar a reflexão de Lukács, quando discute sobre o que seria essencial no marxismo e que teses, na teoria de Marx, seria possível - a alguém - criticar ou mesmo recusar, sem, com isso, desconsiderar a contribuição inegável daquele pensador para estudo dos fenômenos sociais. Lukács (1969, p.1-2) observa que mesmo "que a investigação recente tivesse provado indiscutivelmente a falsidade material de todas as proposições particulares" de Marx, o que não se pode deixar de reconhecer, como sua contribuição decisiva, é o "método". Isso tem afinidade com o que diz Thompson (1981, p.129), ao entender a dialética "não como esta ou aquela 'lei' mas como um hábito de pensamento (...) e como expectativa quanto à lógica do processo".

Assim, a discussão sobre o Método do Abstrato ao Concreto será aqui procedida a partir da compreensão da dialética como um conjunto de princípios que orientam a compreensão da realidade, como um modo para apreensão da realidade - fluente e contraditória -, como um método científico para explicar essa realidade.

1. O método do abstrato ao concreto: caminho da aparência à essência

Procedidos os esclarecimentos necessários, segue-se uma apresentação **operacional** do Método da Economia Política, Método do Abstrato ao Concreto, no sentido de facilitação do seu entendimento para leitura dos mais diversos fenômenos da realidade humano social.

No processo de estudo da realidade, **o fenômeno que se deseja conhecer** (a população de um determinado contexto, a violência familiar, a ineficiência do poder judiciário, a educação fundamental, a diversidade étnica ou de orientação sexual ...), **inicialmente se dá ao sujeito cognoscente como concreto figurado, como aparência, como visão caótica. É um concreto sensível** (porque pode ser captado pelos sentidos mais imediatos), **mas ... que ao mesmo tempo é um abstrato porque**, na verdade, **pouco se sabe dele** (do fenômeno), num primeiro contato.

O fenômeno que se deseja conhecer é, então, em princípio - repetindo - uma visão caótica, **mas ..., através de uma análise, preci-**

sando os elementos que o compõem, chega-se a conceitos “mais simples” (porque **mais precisos**), **onde os elementos constituintes do fenômeno estarão mais e melhor delimitados; vai-se chegando**, assim, aos poucos, a **“abstrações cada vez mais delicadas”** (MARX, 1989, p.228). Isso porque, como já foi dito, o estudioso vai obtendo uma percepção mais clara e precisa dos elementos que constituem o fenômeno; no caso dos exemplos referidos, a população de um determinado contexto, a violência familiar, a ineficiência do poder judiciário, a educação fundamental, a diversidade étnica ou de orientação sexual... - que deixam de ser conceitos amplos e, por isso mesmo - porque amplos-, quase vazios em termos de uma determinada realidade. Nesse caminho do abstrato ao concreto, chega-se a **“determinações mais simples”** (MARX, 1989, p.228), o que consiste numa maior aproximação dos elementos realmente constituintes do fenômeno.

Então, **aquele concreto figurado** (em princípio sensível, que se pode ver, quantificar às vezes até, **mas que mesmo assim é abstrato porque não conhecido na sua essência, no porquê de sua existência**), **vai se tornando cada vez mais percebido, no seu íntimo**, pelo estudioso; **vai deixando de ser abstrato - porque genérico - para constituir-se como compreensão em termos de essência**, tendo em vista que, no processo de análise do mesmo, o sujeito foi conhecendo as determinações que o constituem.

Esse processo de análise em direção à essência do fenômeno consiste:

a) na **compreensão interna do fenômeno** (no caso, dos citados como exemplos) quando se procura entender os elementos que o constituem internamente;

b) na **identificação das dimensões maiores em que aquele fenômeno se insere** e na **compreensão interna de cada uma dessas dimensões maiores, das diferentes totalidades relativas em que o fenômeno está compreendido**;

c) na **explicação do fenômeno em função dos determinantes externos** a ele e que influem na sua existência, **identificados quando da análise das referidas totalidades relativas em que se encontra inserido** (letra b).

Essas dimensões maiores, essas distintas totalidades relativas podem ser, por exemplo:

-a organização/a empresa/a situação em que ocorre o fenômeno; -o tipo de política social que orienta o tratamento de situações e/ou de fenômenos de igual natureza, na sociedade; -os interesses reais e/ou ideológicos dos grupos com poder de decisão sobre fatos da mesma espécie; -o momento atual, a conjuntura do Estado ou da cidade onde se encontra o fenômeno em estudo; -a estrutura de relações que têm marcado historicamente aquele Estado ou aquela cidade; -a estrutura e a conjuntura da região, do país onde aquela cidade/aquele Estado se insere; -a estrutura do país e seu momento conjuntural; -as relações internacionais ...

Desse modo, pelo conhecimento das diferentes totalidades relativas (maiores ou menores) em que se insere o fenômeno estudado, poder-se-á explicá-lo melhor.

No “final” desse processo, ter-se-á, então, não mais um concreto figurado e abstrato (porque pouco se sabia dele), **mas, sim, um “concreto” pensado e abstrato (mas agora abstrato enquanto pensamento, enquanto compreensão mental** que se tem dele; não mais abstrato porque vazio, porque o que se sabia dele era muito superficial e genérico). **Uma aproximação significativa da essência do fenômeno**, do que ele é (não do que ele aparentava ser, no início). **Um concreto pensado que é uma “unidade da diversidade”, “síntese de múltiplas determinações”** (MARX, 1989, p.229); determinações que o estudioso identificou pelas várias perguntas feitas à realidade, sempre no sentido de ir além da compreensão interna da mesma, de procurar entender em que dimensões maiores (círculos concêntricos, totalidades relativas...) está inserida.

E é preciso estar atento para o fato de que, **dentre as múltiplas determinações** que são responsáveis pela existência de um fenômeno, **há** o que se denomina **sobredeterminações (determinações dominantes)**, ou seja, **aquelas** identificadas como **mais diretamente responsáveis pela sua existência como tal**.

Chegando a esse ponto, é preciso que o estudioso faça a viagem em sentido inverso, até o fenômeno como existencialmente e positivamente se apresenta, mas que vai ser visto, agora, como “uma rica totalidade de determinações e relações” diversas. (MARX, 1989, p.229).

Necessário, no entanto, observar que, até por ser fiel aos princípios da lógica que orienta o método do abstrato ao concreto (da apa-

rência à essência, do concreto sensível ao concreto pensado), todo esse processo cuidadoso de desvelamento da realidade não pode autorizar o estudioso a transformar seus resultados numa representação abstrata, num conceito fixo, a partir do que poderia pretender deduzir a essência de outras realidades particulares/singulares semelhantes, do mesmo gênero.

Deve-se lembrar que Marx (1989, p.229). critica a “ilusão” de Hegel, de “conceber o real como resultado do pensamento que se concentra em si próprio, se aprofunda em si próprio e se movimenta por si próprio...”, porque “o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto é para o pensamento precisamente a maneira de se apropriar do concreto, de o reproduzir como concreto espiritual”², como concreto pensado. Marx observa que este “não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto”.

Fica claro, então, que **em cada novo fenômeno a conhecer tem-se que empreender sempre o caminho da aparência (do concreto sensível, caótico, abstrato porque pouco se sabe dele) à essência (ao concreto pensado porque dele se conhece as múltiplas determinações, e também abstrato, mas, nesse momento, abstrato num outro sentido, porque se constituiu enquanto construção mental sobre a realidade, construção mental determinada a partir dessa mesma realidade).**

2. O papel da mediação no desvelamento da realidade

Na lógica de pensamento baseada no silogismo, a todo e qualquer indivíduo de um conjunto pode-se aplicar os atributos desse conjunto e entre conceito - plano do mediato - e realidade concreta - plano do imediato - praticamente não há instâncias intermediadoras; nessa lógica dedutivo-classificatória, a relação entre esses dois planos se processa formalmente e com base na inferência imediata.

De modo diverso, dentro do raciocínio dialético, é pela mediação, categoria central desse tipo de raciocínio, que se consegue dar conta da relação entre os planos mediato e imediato do conhecimento,

² “Concreto espiritual”: concreto pensado; captação do fenômeno, do objeto, pela reflexão sobre ele, pelo desvelamento de sua essência.

ou seja, entre a universalidade da teoria e as expressões singulares dos fenômenos em cada realidade específica.

E embora tenha-se claro que fenômenos da mesma natureza, ao expressarem-se singularmente em diferentes contextos, podem assumir configurações diferenciadas em cada um deles, sabe-se também que quando uma característica repete-se em grande número nessas expressões singulares, ela passa a ser entendida como universal naquela natureza de fenômenos.

Assim, a ciência, ao formular leis, o faz no interior da universalidade, mas deve-se entender que da teoria já construída sobre diferentes fenômenos, isto é, do conhecimento como universal, seja possível - e necessário - retornar aos fatos singulares da vida. Esse retorno dar-se-á através de diferentes e múltiplas mediações, concretizando a dialética de universal, particular e singular.

Como observa Pontes (1997, p.84),

na perspectiva voltada para o conhecimento dos fenômenos da sociedade, a apreensão das *leis sociais*, que subjazem a tais fenômenos, não prescinde da compreensão de que estas se manifestam de forma diferenciada em todo o ser social.

Procurando ilustrar o valor da teoria - plano da universalidade - para análise, compreensão e explicação de fenômenos singulares com que o estudioso/profissional se defronta na realidade, Lukács (1967, p.207) utiliza o exemplo do diagnóstico médico. Diz:

Não há dúvida alguma de que o objeto do diagnóstico é o homem individual (...). Todos os conhecimentos gerais e particulares acerca da natureza fisiológica do homem, dos tipos de decurso patológico, etc., são meros meios para captar com precisão esse indivíduo em seu instantâneo ser-assim. Mas as experiências dos últimos decênios mostram que, quanto mais precisos são os métodos de mediação (aplicações do geral ao caso singular) que a medicina pode mobilizar, tanto mais pontual e exato pode resultar o diagnóstico [de cada caso singular] (colchetes nossos).

E mesmo que a "aproximação ao ser-assim único do caso examinado", através do conhecimento do profissional a respeito de situações semelhantes, continue sendo apenas uma aproximação, é indiscutível que "a inserção do maior número possível de generalidades adianta (...) o ponto final da aproximação ao singular, mesmo sem superar-se com isso o caráter meramente aproximativo" (LUKÁCS, 1967, p.207).

Desse exemplo de Lukács, conclui-se que nem se pode ficar no imediatamente dado - na expressão singular da realidade como dotada de uma lógica e uma legalidade³ próprias independentemente da legalidade de uma totalidade mais abrangente em que esteja contida -, nem se pode tomar cada expressão singular do empírico como dotada da mesma legalidade que o conceito.

Assim, no caminho de passagem do concreto sensível ao concreto pensado, verifica-se a necessidade do processo de mediação entre a universalidade da teoria e a singularidade com que os fenômenos se expressam no real.

Pontes (1997, p.85-6), apoiando-se em Netto e em Lukács, observa que “a categoria da *particularidade* assume papel central na dialética do conhecimento porque ela se constitui *num campo de mediações*”, um “espaço onde a legalidade universal se singulariza e a imediaticidade do singular se universaliza”.

No processo de conhecer a realidade, de modo geral o estudo aproxima-se dela tendo por orientação algumas categorias que compõem seu enfoque sobre essa realidade, a partir da visão de mundo por ele privilegiada e que se expressa através de uma postura teórico-metodológica que compreende categorias de análise. Essas categorias, cuja construção deriva do olhar que o estudioso lança sobre a realidade, expressam, também, em distintos planos, formas de existência do real; no entanto, para captarem a particularidade/singularidade do objeto, precisam ser recriadas, reproduzidas, reconstruídas, a fim de poderem dar conta do objeto singular focado em determinado “aqui e agora”.

José Paulo Netto (1990, p.9-11) apresenta um exemplo da necessidade dessa reconstrução das categorias no fenômeno “luta de classes”:

eu não vou [não posso] simplesmente procurar ver a luta de classes -de que eu me apropriei teoricamente- no real, mas sim, vou querer saber se no meu objeto essa realidade se dá. Nesse passo, eu estou re-verificando as categorias e, mais do que isso, eu estou enriquecendo essas categorias ao concretizá-

³ Legalidade: conjunto de tendências observáveis, verificáveis que, de alguma forma, expressam a dinâmica de um processo, da configuração de um fenômeno; tendência imanente ao processo de constituição de um fenômeno.

las, detectando novas determinações, novas formas históricas, que se vão reproduzir, não como resultado do exame das categorias, mas do exame do objeto real. (grifos e colchetes nossos).

É, então, não um procedimento de tomar determinadas categorias teóricas/científicas e decalcá-las na realidade, mas de apanhar “processos da realidade à luz daquelas categorias e (...) colocá-las em confronto com o movimento do real”, de modo que, ao final do estudo, não se tem “apenas uma aplicação categorial; tem-se uma reinvenção das categorias”, porque “elas saem da análise de jeito diferente de como entraram”(NETTO, 1990, p.9-11).

A respeito da relação entre teoria e realidade, é necessário entender que o processo de desvelamento do real exige que lhe sejam feitas perguntas, perguntas essas que, para serem construídas, requerem um embasamento teórico; é indispensável conhecer um pouco sobre o fenômeno *lato sensu* para poder perguntar sobre ele na situação particular/singular com que se apresenta no contexto específico em que constitui objeto de análise. É preciso, pois, que o estudioso domine parte do conhecimento que já existe construído sobre aquele tipo de fenômeno, para poder iniciar o caminho de desvelar sua essência naquela situação específica.

No entanto, como já visto, as categorias teóricas - âmbito da universalidade - precisam ser reconstruídas para dar conta de cada realidade historicamente situada; por exemplo, se o pesquisador conhece o que significa “mais valia” através do que já existe escrito a respeito, no mundo acadêmico, precisa investigar, na realidade com que objetivamente se defronta, como tal fenômeno se configura nesse contexto histórico específico, nessa particular conjuntura. Thompson alerta que muitas vezes uma categoria é “indevidamente forçada pelos teóricos, para corresponder a um determinado momento histórico (...) passando logo a dar falsos e desastrosos resultados históricos/políticos”. E Thompson ainda observa que é preciso lembrar que “Marx e Engels, em suas investigações principais, afastaram o conceito, ‘homem’, para voltar aos *hominens reais* empiricamente observáveis”. (1981, p.68,166).

E sobre isso é importante lembrar novamente José Paulo Netto, quando registra preocupação de que o sujeito condicione a apreensão do real pelo conhecimento que já tem, acumulado, sobre situações semelhantes, ou seja, que em vez de procurar uma aproximação a mais

fiel possível à realidade, limite-se a aproximar esta do referencial teórico com que a contempla. Diz:

Como o apanhar do objeto pode se fazer com uma grade lógica que já se tem? Como é que se pode **não violentar a realidade para que ela caiba na minha grade lógica? O risco do uso de categorias a priori, que leva à tendência para achar aquilo que se quer achar!** Como impedir que isso, que é uma janela para apanhar o mundo, se converta em uma limitação do mundo? (NETTO, 1990, p.10 – grifos nossos).

Reconhecendo, ao mesmo tempo, a importância do conhecimento para perscrutar a realidade e permitir que ela se revele como tal, Netto alerta para o desafio de saber-se utilizar o conhecimento acumulado⁴ – o registro lógico de que já se dispõe – não como obstáculo, mas como facilitador do desvelamento das questões situadas que se apresentam – o ontológico. Assim, pois, continua:

Por outro lado, eu não penso que o conhecimento seja um papel em branco onde o real vai imprimir as suas marcas. Eu tenho que empreender uma caçada (...) Nessa caçada, **quais as vigilâncias que devo ter para que as elaborações das quais eu já me apropriei não me impeçam o resgate do movimento do real, lançando sobre esse movimento o meu esquema?** É esse o problema do conhecimento acumulado. **Como é que eu posso preservar a prioridade do ontológico sobre o registro lógico?** (NETTO, 1990, p.10 – grifos nossos).

2.1. Diferentes naturezas de categorias e o diálogo necessário entre universal-particular-singular

Dado que discutir a relação teoria-prática – e o processo de desvelamento da realidade – implica necessariamente, como já se pode perceber, reflexão a respeito de categorias, algumas considerações basilares sobre estas se fazem necessárias.

As categorias são formas de conceito que refletem as propriedades essenciais dos objetos, dos fenômenos, e constituem também expres-

⁴ A propósito do valor do conhecimento acumulado, lembro uma oportuna reflexão de José Paulo Netto: as categorias, ao mesmo tempo em que constituem um a priori são, enquanto fruto de outras análises anteriores, também um a posteriori e, assim sendo, “não se pode perder essa continuidade...” (1990: 10 – grifos nossos).

são abstrata das relações sociais que os homens constroem e vivem.

A respeito da sua natureza, tem-se que:

-quando comuns a todos os objetos, são categorias filosóficas/metodológicas (por exemplo, as categorias do materialismo dialético: contradição, totalidade, história, práxis ...);

-quando próprias de determinado ramo da ciência ou de uma determinada teoria social, são categorias científicas/teóricas (por exemplo, salário, trabalho, mais valia, senso comum, consciência coletiva, interdisciplinaridade, cotidianidade...);

-além disso, existem as categorias emergentes ou empíricas, ou seja, aquelas que mesmo não sendo tomadas como pontos de referência para o estudo da realidade, brotam desta como expressão de formas particulares que marcam a apresentação dos fenômenos em distintos momentos históricos. E muitas vezes, nessa emergência, identificam-se, tematicamente, com as categorias teóricas que orientaram o estudo, embora sua configuração não seja a mesma no plano da universalidade teórica e nos planos de maior concretude da particularidade e da singularidade; isso remete à característica peculiar das categorias, de modo geral, ou seja, que elas reclamam sempre a necessidade da relação entre os planos do singular, do particular, do universal, planos esses que, como já foi possível perceber, também constituem, por sua vez, categorias.

Importante observar que não se pode confundir categorias filosóficas/metodológicas com categorias científicas/teóricas, porque estas últimas, em função do processo contínuo de construção do conhecimento e de conseqüente desenvolvimento da ciência, são mais passíveis de modificações; às categorias científicas/teóricas é que se entende poder aplicar o que disse Marx, em carta a Annenkov (1988, p.251), ou seja, que as categorias não são eternas no que se refere às relações que expressam, que “são produtos históricos e transitórios”. Isso é reiterado por Cheptulin (1982, p.58), quando diz que o “aparecimento de toda nova categoria é necessariamente condicionado pelo curso do desenvolvimento do conhecimento”; novas categorias aparecem

porque **o conhecimento**, penetrando sempre mais profundamente o mundo dos fenômenos, **colocou em evidência novos aspectos e laços universais que não voltam mais para as categorias existentes e que exigem**, para exprimir-se, ser fixados em **novas**

categorias (grifos nossos).

Conforme observa Triviños” (1991, p.5), “cada ciência (...) tem suas próprias categorias para elaborar seu conhecimento específico”, conhecimento “que é peculiar a seu campo”: são as referidas categorias científicas/teóricas. Porém, na análise da realidade, estas serão atravessadas pelas categorias do método e por isso mesmo também filosóficas, porque da visão de mundo que orienta o investigador e o profissional.

As categorias filosóficas/metodológicas, então, expressam relações mais fundamentais, como a ótica frente a contrários, à história, à relação matéria-consciência; o modo de posicionar-se frente ao todo..., e, por isso, são categorias que se pressupõe como pontos de partida para qualquer análise da realidade. Observe-se que, dependendo da perspectiva com que o estudioso enfoque a realidade, essas categorias se expressarão de formas diversas. Por exemplo:

a)-no que se refere à ótica frente a contrários, um pesquisador positivista “poderá tender” a absolutizar extremos de “sim” ou “não”, de “absolutamente bom”, “absolutamente ruim”, enquanto um estudioso de olhar dialético entenderá que “sim e não”, “bom e ruim”, podem conviver num mesmo fenômeno, porque tem incorporado nesse olhar a possibilidade de convivência desses aspectos aparentemente contrários;

b)-quanto à relação matéria-consciência, a “tendência” de um estudioso orientado pelo idealismo é entender que o pensar seja decisivo para a natureza da existência do homem, enquanto que o entendimento de outro, pautado pelo materialismo dialético, é de que o homem constrói seus conceitos sobre o mundo a partir de como vive esse/nesse mundo;

c)-quanto à história, a orientação positivista “tenderá” a focar os fenômenos como não necessariamente relacionados ao contexto onde estão inseridos, ou seja, numa perspectiva a-histórica, enquanto para um olhar dialético a historicidade é questão de fundamental importância na explicação de fenômenos de quaisquer natureza;

d)-e a partir do enfoque a-histórico ou histórico, as partes serão entendidas como mais ou menos departamentalizadas, com relativa interdependência, ou organicamente ligadas e compondo uma unidade do diverso e uma totalidade que as influencia/determina e que ao mesmo tempo é influenciada/determinada por elas.

E particularmente em relação às categorias científicas/teóricas, já está suficientemente evidenciado que não é o caso de nelas encaixar a realidade. Como diz Florestan Fernandes (1989, p.24), Marx alerta para a “inadequação de construções típico-ideais arbitrárias ou conjecturais na explicação de situações histórico-sociais concretas ...”.

Segundo Marx (1989, p.233),

até as categorias mais abstratas, ainda que válidas – precisamente por causa da sua natureza abstrata – para todas as épocas, não são menos, sob a forma determinada desta mesma abstração, o produto de condições históricas e só se conservam plenamente válidas nestas condições e no quadro destas⁵.

E isto porque, como já foi visto, a legalidade ao nível da universalidade é de âmbito muito maior, muito mais amplo, do que a legalidade no plano da singularidade.⁶ E a particularidade não é só uma generalidade relativa, não é só elemento de junção, membro de enlace; há uma “ininterrupta e polifacética mutação recíproca entre a generalidade e a particularidade”. Mas, “nas relações diretas com a realidade”, o pesquisador tropeçará “sempre diretamente com a singularidade”, singularidade que é de imediato “indizível” (LUKÁCS, 1967, p.202-204): da realidade, a linguagem só pode falar, inicialmente, sobre a aparência fenomênica e abstrata na concretude sensível com que se apresenta.

Mas Lukács (1967, p.204-205) observa ainda que a imediatez do singular não implica que simplesmente seja tomado como de existência falsa ou irracional, mas, sim, que ela cobra do estudioso um

⁵ A tradução de Florestan Fernandes deixa mais clara a questão: “...até as categorias mais abstratas, apesar de sua validade – precisamente por causa de sua abstração – para todas as épocas, são, contudo, no que há de determinado nesta abstração, do mesmo modo o produto de relações históricas, e não possuem plena validade senão para estas relações e dentro dos limites destas mesmas relações” (Marx, in Fernandes, 1989, p. 414 – grifos nossos).

⁶ “Buscar a legalidade de cada processo social é, em primeiro lugar, determinar os processos sociais; em segundo lugar, compreender a sua dinâmica específica; e, em terceiro lugar, vincular essa dinâmica específica a outras dinâmicas específicas de outros processos sociais, o que só se obtém pela localização, identificação, de suas mediações. Por exemplo, a luta de classes é um fenômeno nuclear, molecular à sociedade capitalista. Ela passa nas fábricas, nas famílias, mas de forma diferente; a legalidade da família não é a mesma da fábrica. As tendências que operam nesses níveis são tendências que obedecem à especificidade, à particularidade de cada nível” (Netto, 1990, p. 5-6).

⁷ Enquanto que a “generalidade e a singularidade se concentram cada uma em seu ponto final, a particularidade é uma terra central, um campo de mediações entre aquelas, cujos limites em ambas as direções são sempre imprecisos e às vezes se fazem imperceptíveis” (Lukács, 1967, p. 211-212 – grifos nossos).

caminhar do pensamento no sentido de aproximações sucessivas a esse singular, para descobrir as mediações que levam deste à particularidade e à generalidade.

Há, então, que se partir da “mudez imediata linguística e intelectual” do singular - enquanto concreto sensível, figurado e do qual pouco se sabe -, para o alcance de uma “singularidade cada vez mais clara e eloqüente, mais concreta [em termos de concreto pensado], se bem que sem dúvida na conexão da totalidade ativa das leis gerais e particulares”. Semelhante acontece com a generalidade: também o geral é apenas uma determinada generalidade conseguida, porque o ponto final da generalização se desloca continuamente para mais adiante, embora seja preciso entender a necessidade de alcançar-se sempre um “limite”, uma “culminação”, um “ponto final” provisório. (LUKÁCS, 1967, p.206-207-colchetes nossos).

O alcance das referidas aproximações - quer quanto à singularidade (no sentido de chegar-se o mais perto possível da essência do fenômeno que no momento se apresenta), quer quanto à universalidade (em termos de construção de conhecimento sobre fenômenos daquela mesma natureza) - é determinado pelas “necessidades e possibilidades do pensamento em cada estágio da evolução histórico-social”; e os “pontos finais” mais adiantados dependem, em relação à singularidade, de “generalizações felizes, abrangentes, de ampla aplicabilidade...” e, no que respeita à generalidade, da “investigação de particularidades e singularidades” (LUKÁCS, 1967, p.206-207).

Lukács deixa, então, bem claro que a questão do conhecimento do singular, a “**aproximação** do ser-assim único do caso examinado é sempre uma **aproximação**” e que o “caminho do pensamento e do conhecimento é uma ininterrupta oscilação acima e abaixo da singularidade à generalidade e desta àquela”, o que evidencia a diferença entre o movimento dialético do conhecer e o uso da dedução e da indução como “contrapostos rigidamente exclusivos”. E, conforme já aqui registrado e pode ser pontualmente constatado no exemplo do diagnóstico médico, o mesmo pensador observa (e vale reiterar) que o “maior número possível de generalidades adianta constantemente o ponto final de aproximação ao singular”⁸ (1967, p.207-208), o que remete à importân-

⁸ Embora Lukács, prudentemente advirta que nem por isso se ultrapassa a natureza de aproximação, ao dizer: “...**se bem que sem superar-se com isso o caráter meramente aproximativo**” (Lukács, 1967, p.207).

cia da contribuição do saber já construído no processo de apreensão da essencialidade do real.

É pela identificação de determinações da singularidade, identificação alcançada pela mediação da particularidade, que se supera a indizibilidade do singular; são, sem dúvida, determinações já presentes no sujeito e na realidade, mas que só vêm à tona pela mediação da particularidade (Lukács, 1967, p.209), particularidade entendida como instância de negociações que faz conversarem entre si objeto/fenômeno e conceito. A particularidade específica a generalidade e **transforma sua abstração imediata em uma totalidade concreta de determinações, se enlaça com a natureza específica da singularidade, faz que se manifestem** com clareza cada vez maior **suas relações com grupos de objetos** aparentados e distantes, **desenvolve as qualidades fugazmente presentes na instantânea imediatez, até fazer delas determinações firmes e duradouras**, desenrola em sua aparente co-presença anárquica uma hierarquia da persistência e da fugacidade, do essencial e do aparente, etc., **e realiza tudo isso sem destruir a estrutura do singular ou individual como tal...**(LUKÁCS, 1967, p.209 – grifos nossos).

3. O sujeito no processo de leitura da realidade

Numa perspectiva de conhecimento que vê o homem não como simples registrador de uma realidade que se lhe mostra, a particularidade não é apenas mediação entre singularidade e generalidade, mas também “centro organizador”, “ponto de partida e de chegada” porque o movimento não é entre duas categorias extremas, mas entre “o centro e a periferia”. E o centro, o “*meio*”, é “algo *superior* aos fins *finitos* da racionalidade *externa*”; é o centro de racionalidade, é a ferramenta que permanece (LUKÁCS, 1967, p.213-215).

No entanto, é ainda em Lukács que se pode encontrar apoio para observar que o reconhecimento da presença do homem nesse “centro organizador” da relação entre singularidade e generalidade e, portanto, no processo de desvelamento da realidade e de conseqüente construção do conhecimento, não implica renúncia à intenção de objetividade. Essa intenção permanece presente, mas como presença dimensionada em termos de possibilidade, como um máximo possível de ser

alcançado em função tanto dos “pontos finais” (provisórios) já conquistados como da capacidade de apreensão dos sujeitos na peculiaridade de cada momento histórico. Diz Lukács (1967, p.272-273):

a realidade objetiva, independente da consciência, contém objetivamente em si as três categorias (singularidade, particularidade, generalidade), o que quer dizer que **o fato de que o reflexo transborde a singularidade imediata não é nenhum abandono da objetividade, (...) nenhuma “produção soberana” do eu cognoscitivo ou artístico** (grifos nossos).

Vale lembrar também aqui alguns alertas de José Paulo Netto, quanto às regulações que o sujeito pode impor no processo de conhecer, porque a razão do estudioso “vem de uma determinada posição política, da participação em determinado movimento, de uma determinada formação, de uma determinada cultura...”, de uma determinada visão de mundo; outrossim, também é “emoldurada em uma instituição, em uma organização...” (1990, p.10).

Com base nisso, o risco que esse estudioso corre na leitura da realidade “não é só de apriorismos; é um risco de dogmatismo mesmo”; e a ultrapassagem desse risco exige, por parte do sujeito implicado no conhecimento, no desvelamento da realidade, “um enorme controle crítico”, bem como “um controle auto-crítico”: uma modéstia diante da realidade pelo entendimento de que ela vai além de suas teias de captação⁹. É preciso, então, adotar uma “atitude de recepção da realidade” (NETTO, 1990, p.10) e, embora dispondo de categorias para sua análise, é necessário entender que elas não determinam essa realidade.

BETWEEN THEORY’S UNIVERSALITY AND THE SINGULARITY OF PHENOMENA: FACING THE CHALLENGE OF PERCEIVING REALITY

ABSTRACT: This article analyzes the Abstract to Concrete Method – a Marx’s legacy to humanity – as a resource of great potential in the study of human-social phenomena and not necessarily linked to the society transformation proposal made by this German philosopher and economist of the 19th century. It aims at making it clear for the reader to whom Marx’s ideas are not familiar, that his methodological directions subsist through time. These directions are used by well-known researchers, as a fecund resource for the

⁹ Diz José Paulo Netto: “O sábio nunca é humilde (humildade é condição de escravo), mas também, nunca é arrogante em face da realidade. Ele parte da idéia de que sempre há algo de novo sob o sol. Ele é modesto em face da realidade à medida em que tem como pressuposto que a realidade transcende sempre todos os seus esquemas” (1990, p. 10).

Munhoz, Divanir E. Naréssi. *Entre a universalidade da teoria e a singularidade dos fenômenos...*

investigation of reality, as well as for the building of knowledge about reality. The text also shows a debate about the categories of universality, particularity and singularity, and the mediation between them all in the process of going from the superficial appearances to the essence of phenomena, which is the main proposal of the above-mentioned method.

KEYWORDS: Abstract to Concrete method; universality, particularity, singularity; mediation; appearance and essence.

Referências

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista:** categorias e leis da dialética (Trad. Leda Rita Cintra Ferraz). São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

FERNANDES, Florestan (org.). **Marx Engels: história.** São Paulo: Ed. Ática, 1989.

LUKÁCS, Georg. **Estética I:** la peculiaridad de lo estético; categorías psicológicas y filosóficas básicas de lo estético (Trad. Manuel Sacristán). Vol. 3. Barcelona: Ed. Grijalbo, 1967.

LUKÁCS, Georg. **Historia y consciencia de clase** (Trad. Manuel Sacristán). México: Editorial Grijalbo, 1969.

MARX, Karl. In: **Karl Marx e Friedrich Engels:** obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, 1988. v. 3.

MARX, Karl. **Contribuição para a Crítica da Economia Política.** (Trad. Maria Helena Barreiro Alves). São Paulo: Mandacaru, 1989.

NETTO, José Paulo. **Método em Marx.** (Aulas no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social). São Paulo: PUC, 10/08-10/12/1990. (transcrição por Myrian Veras Baptista - texto digitado).

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo serviço social.** São Paulo: Cortez, 1997.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria:** ou um planetário de erros (Trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Aplicação do método dialético à pesquisa em ciências sociais.** Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 1o. semestre/1991. (texto digitado).